

Editorial

Em julho deste ano de 2024, realizamos nossa II Jornada Infantil. Junto com o evento, festejávamos nossos 25 anos de Constructo. Uma das muitas razões para o sucesso dessa excelente Jornada e para a nossa alegria foi a participação de psicanalistas que completaram a formação de Infantil na Constructo, apresentando excelentes trabalhos nos quais se reconhece a linha teórica e técnica que marca nosso recorrido desde os inícios.

1ª MESA: “Implicações da metapsicologia na técnica psicanalítica com crianças”

1. No artigo intitulado “A elaboração na clínica psicanalítica com crianças”, Maria Teresa de Melo Carvalho aborda a legitimidade do brincar como expressão simbólica na análise com crianças e seu processo de elaboração a partir da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. Segundo a autora, para tal é necessário que estejamos de acordo sobre o sentido da elaboração em Freud, que, em Laplanche, corresponde à destruição e retratranslação das mensagens enigmáticas que impulsionam o paciente em suas associações. Diferentemente do que ocorre com o adulto, Maria Teresa afirma que a criança, especialmente na primeira infância, encontra-se confrontada com a tarefa das primeiras traduções, primeiras tentativas que, em alguns casos, fracassam radicalmente. Aí reside a importância de que nos questionemos sobre como está se passando o processo de constituição psíquica da criança. Por essa razão, as intervenções do analista deverão levar em conta a necessidade de contenção e de ajuda à tradução. Em uma descrição muito interessante,

a autora parte de um caso clínico para mostrar como a brincadeira de sua paciente poderia ser abordada, levando em conta a perspectiva teórica laplancheana.

2. Em “Indicação para a análise infantil a partir de um diagnóstico metapsicológico”, Maria Beatriz Tuchtenhagen faz um rastreamento de diferentes modos de conceber a constituição do inconsciente para deter-se, na sequência, na concepção proposta por Silvia Bleichmar. Para Bleichmar, que parte de uma perspectiva exogenista, o inconsciente se constitui através da relação sexualizante com o outro humano, efeito de ações específicas que os adultos exercem nas origens da vida da criança, resultando em um processo singular de inscrição, metábola e traumatismo. Bleichmar inaugura novas vias para pensar a prática psicanalítica com crianças, ampliando as possibilidades de intervenção ao buscar uma prática voltada para a produção de novos modos de organização psíquica e novas condições de simbolizações.

A psicanalista argentina recupera o conceito de diagnóstico metapsicológico considerando, a partir daí, a estratégia clínica e a escolha da intervenção a ser utilizada.

2ª MESA: “Clínica com crianças: lugar de circulação de pais, transferências e o brincar”

3. No trabalho “A transferência em psicanalítica com crianças”, Elisabeth Guarnier afirma que nem sempre é possível realizar uma análise com crianças, seja porque ainda não vivem um tempo de constituição psíquica que lhes possibilite o estabelecimento de uma neurose de transferência, seja porque apresentam manifestações sintomáticas não neuróticas e, por conseguinte, não se beneficiariam com a técnica clássica. A autora enfatiza um típico problema de entrecruzamento

de transferências no atendimento de crianças que frequentemente faz chegar ao analista várias demandas transferenciais: da mãe, do pai, da avó, da escola, assim como de outros profissionais da saúde, tornando, em princípio, mais complexa sua função. Elisabeth assevera que, embora existam muitas diferenças entre o atendimento de crianças e o de adultos, são inúmeras as semelhanças entre a clínica infantil e a clínica de adultos, afirmando que em ambas as realidades se fazem possíveis análises clássicas ou intervenções psicanalíticas, neuroses de transferências ou meras transferências, experiências com traumatismos precoces ou atuais, havendo possibilidades tanto de saltos estruturais quanto de importantes neogêneses a partir do trabalho psicanalítico.

4. Em “O lugar dos pais na clínica psicanalítica de crianças”, trabalho apresentado na II Jornada de Psicanálise Infantil da Constructo, Rosistela Arruda recorre aos aportes metapsicológicos de Freud, Jean Laplanche e Silvia Bleichmar para pensar a clínica psicanalítica com crianças. Assim, transitando por diferentes questionamentos, a autora nos propõe pensar, desde o início da escrita, acerca da demanda no tratamento: De quem é essa demanda? Como escutá-la? Como transformá-la em razão de análise, considerando os limites da escuta do analista nestes casos? É por essa razão que a autora, baseando-se no caso Hans, exposto por Freud em 1909, afirma que a relação com os pais é um dos pilares no processo analítico com crianças, sobretudo ao considerar que o paciente é um ser em formação. Por fim, Rosistela sustenta que incluir os pais no tratamento é também um dos pressupostos da ética do analista diante dos pequenos pacientes.
5. Em seu trabalho “A lógica do brincar”, permeado por diferentes vinhetas de casos clínicos, Camila Luvisa ilustra, em uma escrita fluida, um dos elementos fundamentais do tratamento psicanalítico com crianças: a criatividade. Para a autora, falar, fantasiar-se, encenar, cantar, desenhar,

jogar e/ou modelar são como formas que a criança encontra para ilustrar o que se passa no interior do seu aparelho psíquico em vias de constituição. Em tom de encerramento, Camila argumenta que, no tratamento com crianças, o brincar é capaz de consolar, reparar, fazer esquecer e lembrar, o que demanda uma analista aberta à importância fundamental da brincadeira no trabalho analítico.

3ª MESA: “Intervenções na infância: abordagens diferentes”

6. No artigo “Em tempos de constituições: Teceduras. Uma escuta psicanalítica na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal”, Ethel Cukierkorn Battikha parte de sua prática clínica com mães cujos bebês recém-nascidos recebem cuidados intensivos para traçar considerações cujas implicações teóricas e clínicas partem de fundamentos da obra de Silvia Bleichmar. Com sua escrita, Ethel nos conduz ao universo da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), com um olhar especial voltado ao traumático, ao desamparo e aos lutos que impregnam a situação, assim como ao papel que a escuta desempenha nesse espaço. A autora comenta que, ao contrário do nascimento de um bebê que dá aos pais a fantasia de continuidade, a aposta narcísica frente a um filho portador de uma doença grave os confronta com dor, morte e medo. Marca também a importância de uma equipe de assistência que preste auxílio aos pais, ajudando-os a metabolizar angústias, frustrações e medos frente ao que vivem. Em um discurso que comove, a autora ilustra em seu texto alguns dos casos acompanhados por ela.
7. Em “Aplicabilidade da abordagem Bullinger na clínica psicanalítica com crianças autistas: um estudo de caso”, Carla Gil Guterres nos apresenta uma breve revisão da literatura a respeito da Abordagem

Bullinger para, na sequência, ilustrar sua aplicabilidade através de um relato de caso. Suas intervenções clínicas com Gael, um menino autista, permitem à autora aplicar os conhecimentos de que dispõe sobre a abordagem e compartilhá-los, através de sua escrita, com o leitor. Um texto emocionante que mostra uma possibilidade extraordinária para o atendimento do autismo e seus pais a partir de uma leitura psicanalítica, oferecendo-lhes a possibilidade de uma relação amorosa ir se constituindo entre eles.

8. Conferência de Silvia Bleichmar (2ª) proferida na fundação da Constructo, em 1999, em Porto Alegre. Por fim, compartilhamos com os leitores da revista uma das muitas inestimáveis contribuições de Silvia Bleichmar. Em sua conferência, a psicanalista argentina aborda diversos temas que permanecem relevantes na contemporaneidade.

Kenia Maria Ballvé Behr
Editora da Constructo Revista de Psicanálise